

Falsa ode a um porco/povo burguês

Jussara Santos*

RESUMO

O texto que ora se apresenta é resultado de uma leitura da novela de Manoel Rui – **Quem me dera ser onda** – pensando o processo de construção e desconstrução da sociedade angolana pós-independência e a leitura crítica desse processo realizada pelo autor.

*Uma onda
que penso.
Outra em que reparo.
A mesma em que pensei
e que retorna ao mar.
(Manoel Rui)*

Manoel Rui, autor da novela **Quem me dera ser onda**, nasceu em Angola no ano de 1945 e participou ativamente da vida cultural e política de seu país.

Segundo estudiosos, o ano de 1973 configura-se como o período de consagração do autor, uma vez que, nesse ano, com a publicação do livro de poesias **A onda**, Manoel Rui alcança lugar definitivo na poesia angolana.

A figura da onda parece acompanhar o processo ficcional do autor. A novela aqui em questão surge em 1982 e pelo trabalho realizado creio ser possível defini-la como uma leitura crítica não só da Angola pós-colonial, como também da África negra independente ou ainda de outros povos colonizados que alcançaram a “libertação”.

Magistral e ironicamente, Rui lida com o imaginário do homem fragmentado, cindido. Localizada quase sempre em um pequeno prédio, a narrativa de Manoel Rui põe em cena os problemas urbanos vivenciados por personagens como Ruca, Zeca e Beto e, principalmente, por Diogo e um porco chamado *Carnaval da Vitória*.

* Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

Início então pela descrição do prédio, pólo da narrativa:

Prédio tudo de gente escriturária, secretária. Funcionários de ministérios. Um assessor popular, e até um seguras que andava num carro com duas antenas, fora os militantes do partido? (p. 10)

O prédio caracteriza-se, então, pelo *status* profissional, pela aparente condição social de seus moradores. Desse modo, como poderia Diogo, pai das personagens Zeca e Ruca, marido de dona Liloca, pretender criar um porco bem ali no sétimo andar?

Enfim, ele mesmo alerta: — *Calma, Liloca. Vamos estudar um plano* (p. 10)

A chegada do porco, que recebera de Zeca e Ruca o nome de *Carnaval da Vitória*, revoluciona, transforma a vida daquele “espaço sagrado”. Recebendo tratamento *vip* (banho, música, restos de carne, carinhos de Zeca, Ruca e Beto, o filho do vizinho) *Carnaval da Vitória* instaura a crise, torna-se a própria crise que aponta para o processo de (des)construção de um projeto nascente de nação.

Quem me dera ser onda põe em cena a dificuldade de se constituir essa nação. Sabe-se que nos estados emergentes a palavra de ordem era: representação popular. Porém, é preciso estar atento para que não sejam criadas caricaturas da tão desejada representação.

Desse modo, o prédio, onde se desenvolve a narrativa, torna-se, ao mesmo tempo, reflexo e caricatura de um sistema opressor que fora questionado e, aparentemente fora banido com a revolução. O poder, a disciplina e a ordem estão presentes nas figuras do fiscal e do assessor popular (responsável máximo pelo prédio).

Eu na minha pessoa de assessor popular não posso admitir este desrespeito pela disciplina. E você também, camarada Nazário. Ou é ou não é o responsável máximo pelo prédio? Amanhã temos que mandar o fiscal em casa do gajo e descobrir esse porco para lhe multar ou mesmo correr com esta gente do prédio. (p. 9)

A lei é o instrumento utilizado para manter cada “coisa” em seu devido lugar e seu conjunto é constituído por arranjos, acordos e combinações.

Como é? Porco no elevador?

Porco não. Leitão, camarada Faustino.

Dá no mesmo em matéria de interpretação de leis.

Quais leis?

O problema é o que a gente combinou na assembléia de moradores e o camarada estava presente. Votação por unanimidade. Aqui no elevador só pessoas.

Mas leitão é coisa?

Nada disso. Bichos ficou combinado cão, gato ou passarinho. (...) Leitão assim vivo é que não tem direito, camarada Diogo, cai na alçada da lei. (p. 7)

As relações pessoais instauradas no prédio deixam clara uma estruturação hierárquica mantida mesmo em uma sociedade que parece buscar um modelo social diferente dos modelos repressores e colonialistas. Nessa escala hierárquica, Diogo representa o trabalhador assalariado que sai todos os dias para trabalhar enquanto sua mulher, Liloca, vai para as bichas (e essa é uma das funções da mulher) conseguir peixe, o alimento de todos os dias.

(...) o que é o jantar?

A mulher não falou. Foi na cozinha e trouxe a resposta. A travessa de esmalte estava ali à frente.

— Outra vez “dia-a-dia na cidade”. Merda para isto. E o requerimentista a comer frango de churrasco que chega aqui o cheiro. Abaixo o peixefritismo. Se soubesse nem abria o “ramalho eanes” e também não sei o que é que tu andas a fazer nas bichas. (...) (p. 46)

A carne boa, o bom filé só para alguns. Zeca e Ruca puderam constatar isso:

As aparas para os cães?

Desculpe! Camarada. Aparas é o quê?

São restos de carnes que sobram na cozinha do hotel e servem para dar a cães.

Que comem só carne?

Sim. Pastor alemão, cães policiais (p. 51)

(...)

Mas como é que deitam fora restos assim com carne boa?

Zeca, tu não ouviste no Beto o pai dele lhe explicar que este hotel é só para embaixadores de fora? É o resto da carne que via na mesa deles. (p. 53)

Conscientes de que a carne é para poucos e tentando adiar o sacrifício do porco *Carnaval da Vitória*, Zeca e Ruca falsificam documentos e depois de alguns dias levam carne para casa. A chegada dela à mesa acalma o espírito de Diogo que já sonhava sentir o gosto daquele que já havia se incorporado ao seu cotidiano.

Quando chegou a hora e Diogo perguntou o que era o jantar, a dona passou na cozinha e trouxe a resposta.

Funje de carne? Até que enfim, mulher?

Bastou mudarem o ministro para a carne aparecer nas bichas. Vamos a ver agora se a pequena burguesia lhe não atrapalha o trabalho. Assim é que é. Revolução começa na barriga. (p. 53)

É possível perceber também, na narrativa de Manoel Rui, os excessos de um nacionalismo levado às últimas consequências. Isso fica claro durante a realização de um concurso de textos, do qual a personagem Ruca participa.

O coordenador do centro de investigação pedagógica parou de mascar a lasca de cola. Cada um dos participantes da reunião não escondia a surpresa.(...) Mas como é possível? Se foram dadas directrizes quanto aos temas? Considerou o coordenador. Não se compreende. Se no ofício eram orientados no sentido de motivarem as crianças para escreverem sobre problemas do povo, exaltação dos valores ideológicos, etc., como é que uma professora escolhe para um concurso deste nível uma redacção sobre um porco? Camarada Sofia, já agora descubra aí o desenho que foi remetido por essa escola. (p. 38)

Como é possível ver, há um *centro de investigação pedagógica*, que controla o exercício da profissão. O nacionalismo chega aqui ao seu extremo.

A professora de Ruca, ao escolher uma redacção cujo tema principal é um porco, parece desejar ler a pátria em suas amplas significações, mas o discurso popular busca unificá-la, pois a mesma deve ser única e valorizada enquanto tal.

Pode-se tratar de um caso de alienação do grupo. Ma aí temos de responsabilizar a professora, pois ela é que elegeu o texto e desenho em representação da sua escola. (...) (p. 40)

— Estou absolutamente de acordo — acrescentou o responsável pela secção de literatura —, o próprio nível de linguagem e a semântica revelam um afastamento do real, o que não é característico na criança, sempre motivada para recriar o dia-a dia, em suma, a vida do povo, a revolução. (p. 41)

Talvez em **Quem me dera ser onda** uma das relações mais interessantes seja a de Diogo (chefe da casa) com o porco *Carnaval da vitória*. Ambos se fazem num crescendo na narrativa. Diogo tem consciência crítica, lê o mundo à sua volta, reflete sobre os alargamentos da revolução.

(...)

Tribalismo! Deixa lá os ismos, mulher, que isso não enche barriga. Ismo é peixefritismo, fungismo e outros ismos de barriga da gente. E tribalista é quem combate os ismos da barriga do povo, como esse Faustino. É por isso que isto não anda pra frente e eu é que devia falar na rádio e não esses berenguéis simonescos. Era mesmo no meio dos relatos de futebol que eu ia falar em panguês, e ismos da barriga. (p. 10)

- Porra, Liloca! Merda da pequena burguesia. Querem o céu e a terra. O capitalismo e o socialismo. Música e carne de porco sem sabor de peixe. Então liga o teu ouvido na outra orelha de porco. (p. 16)

Essa visão crítica do mundo talvez seja fator contribuinte para a leitura que ele vai fazendo, ao longo da narrativa, das transformações vivenciadas pelo porco *Carnaval da Vitória* que se torna a grande metáfora do burguês:

Pai Diogo aferia o porco de maneira diferente. Para ele era tudo carne, peso, contabilidade no orçamento familiar. Indisposto de engolir o peixe frito, os olhos bombardeavam direto no porco para um balanço da engorda: “está-te a aburguesar mas vais ver o que te espera – e com a mão no pescoço mostrava-se aos filhos na forma de como se corta uma goela – fala! É o fim de todos os burgueses!” (p. 27)

Funcionando como contraponto do pai, Zeca e Ruca refletem:

Zeca. Se o pai é que trouxe o porco e a gente é que habituou no sétimo andar, com música e comida do trópico, ele não tem culpa de ficar burguês. É verdade. Nós é que lhe pusemos. Como o pai disse que burguês acaba por ser morto, quer dizer que quando a gente deixa ficar burguês é pra matar depois? (p. 35)

Ocupando já todo o cenário da narrativa, o porco passa a ser o depositário de todas as suas frustrações, ânsias, raiva pelo fato de a revolução ser para poucos. Já a *Carnaval da Vitória* restava morrer, afinal ele se tornara um espaço de expiação para Diogo, que termina por revelar-se um opressor.

Era véspera de carnaval. Diogo faltou ao serviço e a casa movimentava-se num vai que volta de preparações. Ruca e Zeca sentindo cada vez mais perto a consumação. Desde a manhã a banheira cheia de água, “pode faltar de momento pra outro”, alerta Diogo na mulher. E mais todas as vasilhas disponíveis, baldes, panelas e garrafas se preenchiam com água. Tudo isto assustava os miúdos. Pior mais era o facalhão que Diogo afiava com prazer e depois a trava de madeira com as duas extremidades enfiadas em dois buracos das paredes no canto da varanda. Aqui vamos pendurar o morto! – regozijava-se Diogo. (p. 59)

Estamos diante de um ritual. As festas pedem preparação e aquela, desejada há muito tempo, estava sendo cuidadosamente preparada. Alegria de uns, tristeza de outros. Os meninos que não estavam no prédio podiam imaginar o que acontecia lá em cima no apartamento que ficava no sétimo andar.

Estão a ouvir? No sétimo andar levantam outra vez o rádio no máximo. Há muito tempo que não faziam isto. Bem. Como hoje é carnaval. Ruca olhou logo no irmão adivinhando igual o pensamento dele. Por que é que o pai abria o rádio no máximo? Então o auscultador no ouvido do amigo? E,

É possível perceber a morte do porco, ou seja, o espaço da festa em que ela foi transformada, como um momento de inversões e subversões de valores. Enquanto festa, essa morte possibilita a diluição das leis e a abolição de limites e regras sociais. A estruturação hierárquica tão presente no prédio é esquecida em meio ao sabor da carne repartida, da bebida e da música. As posições sociais são abolidas, uma vez que os representantes do poder, os camaradas, também estão lá e o porco, que fora considerado, no início da narrativa, elemento infrator, tornou-se elemento de celebração.

Ao criticar a sociedade angolana pós-independência, Manoel Rui parece “rir” dos conflitos dessa sociedade. Com a morte do porco “burguês”, a sociedade pós-independência, ou seja, o espaço coletivo dessa sociedade se carnavaaliza.

RÉSUMÉ

Ce texte est le résultat de la lecture de l'oeuvre de Manoel Rui – Si je pouvais être une vague – pensant au processus de la construction et de la déconstruction de la société Angolaise post-indépendance et le regard critique de l'auteur a propos de ce changement.

Referência bibliográfica

RUI, Manoel. **Quem me dera ser onda**. Lisboa: 1. ed. Edições Cotovia, 1991.